

Perguntas intrigantes sobre Segurança

Carlos Alberto da Costa Gomes

A contabilidade insana das mortes por assassinato em Salvador é apresentada pela Secretaria de Segurança Pública como resultado do tráfico de drogas. Após um tiroteio, a explicação oficial (e invariável) é que se tratou de um acerto de contas entre traficantes e usuários ou uma combinação disso. A questão não é nova, já faz anos que a maioria das mortes é tratada assim. O que intriga é que ao se buscar informações em diferentes fontes, dos mais variados cargos ou patentes, surge uma intrigante situação: o Departamento de Tóxicos e Entorpecentes da Polícia Civil da Bahia não possui estrutura! Não digo estrutura suficiente para a magnitude da tarefa, falo de coisas como um efetivo mínimo mesmo, até para responder pelo expediente. Em alguns períodos sabe-se que é reduzido ao Delegado Chefe, um Escrivão e um Agente, em outros, pode chegar a nove? Não duvido da capacidade desses policiais abnegados, mas para atender o que a própria polícia declara, minha expectativa era da existência de centenas de policiais dedicados ao combate do tráfico e da venda de drogas, do aliciamento de jovens, do domínio de áreas da cidade... É muito intrigante! Mesmo que se avoque a existência do apoio da Polícia Federal, que sabemos não tem essa finalidade e é voltada para o contrabando, para o tráfico internacional, e que, também, não possui efetivo sequer para sua tarefa, teremos uma estrutura que nem de longe é compatível com o tamanho do problema. Torno a dizer, o diagnóstico é da própria polícia.

Outras questões turvam a compreensão do que se está fazendo. A maioria das mortes e crimes informada pela polícia envolve adolescentes. Pois bem, o Estatuto da Criança e do Adolescente já completou 18 anos e não se instalou um décimo do que se deve da estrutura. Os Conselhos Tutelares que existem, me perdoem os bons, são incapazes de agir. Falta tudo, de carro ao telefone. Existe uma única Delegacia do Adolescente Infrator - DAI, que se pensaria, tem um sem número de policiais, de viaturas, mas não tem. E não se instalam outras "DAI" no interior, pelo menos regionais... Como o problema é a droga, pensamos que a essa altura existissem vários programas de prevenção ao uso e abuso de drogas ilícitas, de recuperação de viciados, de tratamento do paciente e da família, mas não existem...

É normal a referência por todas as autoridades da área de segurança sobre a insuficiência de pessoal, mas nada se faz de efetivo, faltavam e continuam faltando policiais. Existe a lei, existe a falta, mas não se abrem novos concursos... Todas são perguntas intrigantes e para quais julgo que a sociedade merece uma resposta, principalmente o porque?

Coordenador do Observatório de Segurança Pública da Bahia.

carlos.gomes@unifacs.br